

Foto: Acervo do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares



Projeto de Educação Popular, Formação Política e Controle Social em Saúde.
(11 e 12 de agosto de 2007)

Os movimentos sociais, a universidade pública e a sociedade

Texto editado a partir de depoimento de Maria Eleusa Mota Santana¹

Por Carlos Alberto Haddad

Homens e Mulheres: sujeitos da sua própria história

“O povo fez tudo, o povo pode destruir tudo, porque pode fazer tudo de novo” - Karl Marx

A transformação maior começa na pessoa, dentro do contexto novo, ou, como disse Frei Beto, “a pessoa pensa onde seus pés pisam”. O sujeito sem-terra adquire o novo conceito quando se percebe integrante de uma conjuntura excludente. Os movimentos sociais organizados situam mulheres e homens como cidadãs e cidadãos de direitos e sujeitos da sua própria história. Segundo dicionário, “cidadania é condição de cidadão que é o indivíduo no pleno gozo de seus direitos políticos e civis”. Os sem-terra, na maioria, nem sequer sabem o que é realmente ser cidadão e nem seus direitos. Mesmo aqueles que já freqüentaram escolas, chegam a um acampamento sem conhecer seus direitos e deveres. O fato de alguém decidir acampar e entrar para o MST não significa que conhece seu direito à terra, ao trabalho, à educação. Normalmente, vão acampar devido a dificuldades financeiras que estão atravessando em suas vidas. Na maioria das vezes entram em choque com os familiares que não entraram para luta num enfrentamento doloroso.

As mudanças, o aprendizado e a coletividade

Nem sempre é fácil compreender e aceitar sair do individualismo.

A mudança maior ocorre com o processo de formação e conscientização, que se inicia no primeiro contato com os integrantes do movimento. Já nas primeiras reuniões, aprendem que além da terra, todo cidadão tem direito a saúde, alimentação, moradia, vida digna e, principalmente, que não invadiram, e sim ocuparam mais um latifúndio de exploração. Descobre-se de repente que a propriedade da terra é um dos pilares que sustentam a burguesia, tanto no plano político, econômico, como no jurídico. O capitalismo leva ao processo de desumanização, e, para reprimir, desqualifica as pessoas usando termos como elemento e indivíduo fazer referência a elas. Tais palavras do cotidiano são muito significativas: elemento é qualquer coisa, parte de um todo e quer dizer perda de identidade; já indivíduo é para individualizar mesmo, afinal o que eu sou sozinho? Por isso, quando uma família entra para o acampamento, ela adquire cidadania, através da formação e prática do dia-a-dia, contudo nem sempre é fácil compreender e aceitar sair do individualismo e entrar no coletivo.

¹. Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Terra da Universidade Federal de Minas Gerais, membro do Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e da Coordenação Colegiada do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares.

A organização de um acampamento

A emoção de não mais ser alguém que não incomoda o sistema.

A organicidade de um acampamento do MST coloca as famílias em núcleos, setores e equipes, de acordo com a vocação e a vontade de cada um. Ali são elaborados, conjuntamente, normas e regimento, divisão de tarefas. Principalmente, são estimulados o despertar da solidariedade, a emoção de não mais ser alguém que não incomoda o sistema, a sociedade, e ser, agora, um Sem Terra sim senhor, com e por amor. Como diz Stédile "então o que assimilamos do capitalismo foi a divisão do trabalho, mas não na forma capitalista. O capitalismo se utiliza dela para explorar as pessoas, mas a divisão do trabalho foi nascendo do processo de desenvolvimento das forças produtivas."

O capitalismo e as injustiças

Das várias formas de escravidão, a mais grave e acentuada é a escravidão da mente.

O MST não luta só pela conquista da terra. Sua luta é ampla, desde a conquista à permanência na mesma, com dignidade. Antes de entrar para o acampamento, a maioria das pessoas não sabe o que é capitalismo, para que serve e, quando percebem que eram escravos, despertam para lutar contra todos os tipos de repressão e injustiças. Imaginem dizer para algumas dessas pessoas, quando tinham carteira assinada, que eram escravizadas. No mínimo não concordariam, pois das várias formas de escravidão, tanto as antigas como as modernas, a mais grave e acentuada é a escravidão da mente. Embora o capitalismo esteja em crise, sabemos que os capitalistas estão bem, muito bem. O capitalismo usa uma arma poderosa para atrair, mobilizar, confundir, manipular e unificar a emoção, que é a propaganda, principalmente através da televisão que é o meio massivo. Com isso, fabricam ídolos nacionais. Para os integrantes do MST, os verdadeiros ídolos são os camponeses, os índios, os negros. É por isso que a elite não tolera movimentos como o MST, que utilizam uma arma poderosíssima, que é a melhor propaganda: a conversa. O povo organizado vai adquirindo consciência através do diálogo. Essa relação dialógica não ocorre quando se tem relação de mando, como nas relações capitalistas. Imaginem uma pessoa que passou a vida inteira pensando que as drogas eram histórias de favelado safado e de repente entende que são produtos da elite, pois pobre não tem dinheiro, é usado e explorado pelo tráfico.

A formação de educadores e de suas próprias escolas

Se aprendemos a falar com palavras, porque a escola nos ensina letra por letra?

Embora com todo o conhecimento adquirido no período de acampamento, nem todos assimilam tudo. Além da experiência prática, do cotidiano do acampamento, o movimento tem investido na formação de educadores na criação de suas próprias escolas, uma vez que entendem que a escola tradicional é uma escola que serve aos interesses de uma determinada classe social: a burguesia. As crianças, quando nascem, ouvem e aprendem a dialogar no contexto da vida: o diálogo, as brigas familiares, música, enfim todos os tipos de sons. Quando vão para a escola, são

obrigados a se despirem de tudo que aprenderam, aceitando que não sabem nada, que a professora sabe tudo e ensinará letra por letra, diferente de tudo que aprenderam com os pais e amigos na prática. A escola fundamenta-se apenas na teoria, enquanto as pessoas aprendem melhor quando a teoria e prática ocorrem ao mesmo tempo: o filho de trabalhador rural aprende a lavrar a terra vendo o pai ensiná-lo a carpir, assim como o filho de um violeiro aprenderá mais com a prática do que com teoria. Por que os conteúdos são separados da vida?

Educador, Educadora / Professor, Professora

Quando não mais existir professor(a) e sim educador(a), a revolução nas escolas acontecerá.

Quando a escola estiver aberta e integrada com e para a sociedade, estaremos iniciando um processo de revolução. Assim, quando não mais existir professor e professora, e sim educador e educadora, a revolução nas escolas acontecerá. O educador que se coloca a serviço da causa da transformação social, da classe trabalhadora, conscientiza, constrói, aprende e ensina, enquanto o professor está mais preocupado com o mercado de trabalho, salário, realizando um trabalho repetitivo todo o tempo e vendo os educandos, que têm conhecimentos, como alunos que não possuem luz. Por isso, é fácil compreender porque os carismáticos e evangélicos arrastam multidões. A fé ajuda o povo a resistir. Pena que os religiosos não a utilizam para libertar seus fiéis de todas as injustiças cometidas pelo capitalismo selvagem, pois fé e luta podem existir juntas.

Mudanças nas universidades públicas brasileiras

A universidade que temos, está longe da universidade que almejo.

Proponho uma mudança de valores. Em todos os níveis de ensino, os educandos poderiam trazer seus sonhos, seus desejos, suas perguntas, problemas e seus saberes acumulados ao longo da vida. O que mais me aborrece é ver que nossas universidades não estão preparadas para valorizar as culturas e os conhecimentos da população camponesa e da sociedade como um todo. A Universidade que temos, está longe da universidade que almejo. Acredito estarmos longe de mudanças que beneficiem o público a que de fato ela deveria atender: educandos oriundos de escolas públicas; o nosso verdadeiro povo brasileiro mestiçado - mulato, negros, índios, camponeses, operários e brancos. Hoje a universidade pública continua defendendo os valores de uma burguesia intelectualmente atrasada.

A Marcha Nacional de 2005

A emoção... não consigo explicar com palavras.

A Marcha Nacional, ocorrida em maio de 2005, saindo de Goiânia até Brasília, revelou-se um espaço educativo para todos os participantes e envolvidos. Os marchantes, é claro, tiveram uma extensão de espaço maior, cuja emoção não consigo explicar com palavras, mas também os acampados e assentados que não foram marchar, se sentiram lá, de algum modo representados por irmão, esposa, marido. Eles também ajudaram na marcha com apoio financeiro, moral, político ou simplesmente por suportar com dignidade a ausência dos familiares marchantes. Durante os 17

dias da Marcha Nacional, foi uma verdadeira acrobacia o desmonte e o levante do acampamento móvel de 12 mil pessoas. Foi uma sincronia alucinante o montar e o desmontar de uma cidade em pouco tempo. Num instante tudo era erguido, aos cuidados de cada setor e equipe responsável: cozinha, banheiros, secretaria, farmácia, Ciranda Infantil, dormitórios, enfim desde os carros de som até a equipe de segurança, disciplina, limpeza e a Escola Itinerante.

A Ciranda Infantil e a Escola Itinerante

Resgatando a valorização da diversidade cultural e dos valores humanos.

A Ciranda e a Escola Itinerante tinham ao todo 176 crianças e 85 educadores organizados em núcleos de base, assim como todos da marcha. O núcleo de base Semente era de 0 a 1 ano e meio de idade; o núcleo de base Broto, de 1,5 a 3 anos; o núcleo de base Folha, de 3 a 4 anos; o núcleo de base Flor, de 4 a 5 anos; o núcleo de base Fruto, de 5 a 6 anos de idade. As crianças de 7 a 15 anos estudavam na Escola Itinerante do ensino fundamental, tinham acompanhamento político-pedagógico e eram transportados de ônibus todos os dias até a escola mais próxima de onde a marcha chegaria. Eram todos nucleados e tinham as equipes de segurança, disciplina, saúde, higiene, limpeza e dois coordenadores constituídos por um casal.

Os conteúdos trabalhados eram temas geradores através da interdisciplinaridade com o tema central "A Marcha", e, dentro do mesmo, vários subtemas e atividades como jogos, brincadeiras, teatro, produção de texto; todas resgatando a valorização da diversidade cultural e dos valores humanos. Foi maravilhoso o desempenho das crianças caminhando em fileiras e puxando gritos de ordem. Assim manifestaram serem sujeitos com direitos, cidadãos e cidadãs conscientes em busca de transformação social.